

PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 174 p.

A narrativa envolvente de Mary Del Priore, *Matar para não morrer*, foi publicado em 2009, pela editora Objetiva, sendo composta por cinco capítulos e 174 páginas. A escritora, pesquisadora e historiadora, venceu por duas vezes o Prêmio Casa Grande & Senzala, além de ganhar o Prêmio Jabuti na categoria Ciências Humanas, com o livro *História das mulheres no Brasil*. Conquistou, ainda, o prêmio de melhor livro de ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte com *Condessa de Barral* e o *Príncipe maldito*.

Matar para não morrer é o resultado de uma pesquisa em que Priore nos revela a tragédia ocorrida entre o triângulo amoroso Euclides da Cunha, Ana Emília da Cunha e Dilermando de Assis. Ana Emília, com trinta e três anos, mãe de Solon, Euclides Filho e Quindinho, se apaixona por Dilermando, um jovem cadete de 17 anos, sobrinho de suas amigas Angélica e Lucinda, que vai morar na pensão Monart onde Ana também reside, pois seu marido viaja muito e ela se sente muito sozinha. Para viver esse amor proibido, Ana deixa a pensão e passa a tomar conta da própria casa..

Tempos depois, em março de 1906, Euclides retorna de uma longa viagem para desespero dos amantes e, embora desconfiasse da infidelidade da esposa procurava ignorar esse fato, o que piorou com a desconfiança de Ana estar grávida. Dilermando precisou ficar um tempo fora da cidade para terminar os estudos na Escola Militar de Rio Grande e, durante esse período, a mulher amada tem seu filho e acaba revelando ao marido quem é o verdadeiro pai. Vingativo, seu esposo não permite que ela o alimente e, após oito dias, a criança morre.

No ano seguinte, Dilermando retorna ao Rio de Janeiro, em férias, e o casal torna a se encontrar, nascendo desse relacionamento Luiz, que é registrado por Euclides da Cunha como seu filho, definindo-o “como uma espiga de milho no meio de um cafezal”, pelos cabelos claros e olhos azuis que contrastam com as características dos outros filhos. Euclides não admite a traição da esposa Saninha, como era chamada, sentindo-se humilhado e desprezado por uma sociedade onde o marido tem autoridade absoluta e os valores tradicionais são severamente defendidos.

Euclides da Cunha, militar, engenheiro, jornalista e autor de *Os Sertões*, acredita que a honra de um homem deve ser preservada a qualquer preço, então, numa manhã chuvosa de agosto de 1909, toma coragem e vai até a casa do amante da esposa que mora com seu irmão

Dinorah, um jovem jogador de futebol considerado craque no seu time Botafogo. Com um revólver, o jornalista invade o quarto de Dilermando e atira nele. O militar é um atirador de elite bem treinado, o que lhe permite ser ágil o suficiente para sacar sua arma e atingir a mão do marido traído. Arma-se um triste duelo no qual Euclides tem o ombro e no peito atingidos, resultando na hemorragia que o derruba morto na porta da frente, entre as escadas e o jardim.

Anos mais tarde, em 1916, Quindinho, um estudante que sofre com as marcas da tragédia da estação Piedade, morre tentando vingar a morte do pai Euclides, pois, vivendo numa época em que “honra manchada deve ser lavada em sangue”, permite-se o direito de fazer justiça com as próprias mãos. O enteado é morto, levando o padrasto a novo julgamento no qual este consegue a absolvição por legítima defesa. A imprensa, por sua vez, volta a sacrificá-lo.

Nessa narrativa, Priore relata o sofrimento do jovem militar Dilermando, o que tenta provar uma interpretação falsa que a imprensa e a sociedade insiste em sustentar para justificar o ato de um escritor conhecido e proveniente de uma sociedade patriarcal, onde a “cornitude” e o abandono do homem somente são resolvidos usando a violência e, segundo a autora, o único recurso é matar para não morrer. Depois de ser absolvido do assassinato, em junho de 1911, Dilermando, com 23 anos, e Saninha, com 39, se casam e vão morar juntos com os filhos por um tempo. Mais tarde, os filhos de Euclides se afastam e, dessa união, nascem também, João Cândido, Laura e Judith.

Com certeza, o livro ora apresentado extrapola os limites das páginas policiais, porque, de certa forma, fere mortalmente valores e certezas que norteavam a sociedade brasileira da época. A concepção machista da honra, que só pode ser lavada com sangue, está na raiz do homem viril.

Matar para não morrer é a reconstituição de um violento episódio histórico e revela-nos os preconceitos vividos por uma sociedade patriarcal, em que as mulheres eram dominadas e manipuladas pelos maridos, os quais não admitiam o sofrimento, a traição e a dor masculina, além de se apropriarem do direito de fazer justiça. A lei de talião “olho por olho, dente por dente” permitia aos homens resolver todas as disputas e sanar quaisquer ofensas com as próprias mãos.

Priore domina o leitor pelo domínio narrativo, através do que expõe os fatos, levando-o a imergir na história despertando-lhe sentimentos de emoção, curiosidade e indignação, devido à transparência com que divulga a verdadeira história sobre a morte de Euclides da

Cunha. Além disso, permite desvendar uma história que a imprensa por muitos anos tentou mascarar demonizando o casal de amantes e justificando ou absolvendo a atitude fria e covarde de um homem que a sociedade acreditava ser ilustre e digno.

Viviane Marconato Stringhini

Aluna do Mestrado em Letras da URI – Frederico Westphalen